

Sugestões medico sociais

por

Salvador González

Na sessão da Sociedade de Medicina, realizada no dia 15 do corrente mez e após a comunicação do Dr. Carlos Bento, salientando a necessidade de dar ampla interferencia ao medico, no exame previo, dos que se dedicam á prática da cultura fisica e complementos, vimos com grande satisfação que, esta entidade não deixou de prestar a devida atenção á tal comunicação.

Foi ainda mais longe, nomeando uma comissão composta do professor Thomaz Mariante e dos Drs. Carlos Bento e Mario Bernd, para que estudem as condições em que se realizam os cursos de cultura fisica nos nossos estabelecimentos escolares e nos meios esportivos.

Quando do encerrar da sessão, o Sr. Presidente, centralizando todo o interesse da casa, resolve dedicar a proxima sessão ao estudo das questões atinentes a infancia, principalmente no que diz respeito á sua proteção, no sentido mais amplo da palavra.

Levados pelo entusiasmo e pela alta relevancia do assunto, que congrega em si a solução de um dos nossos mais caros problemas, é que, ousamos solicitar um pouco de atenção para as palavras que serão proferidas.

Falta-nos a autoridade do especializado, para abordar com a devida competencia o assunto de que trataremos, sejam pois perdoados nossos erros.

No nosso Estado, no qual apenas estudamos e questão, nada, ou muito pouco se tem feito em materia de proteção á infancia.

Não é desidia dos que, pelos seus conhecimentos, estão autorizados a fazer ouvir sua opinião, a causa deste desleixo.

Não; e aqui cabe louvar a ação benefica dos nossos pediatras que, em muitissimas ocasiões dedicaram artigos e conferencias sobre o assunto e ainda hoje, no desejo de prosseguir em sua obra de benemerencia, prestam seu concurso gratuito, ás nossas enfermarias de clinicas pediatricas, nas "crèches" e nos asilos.

Por eles, estamos certos, muito já se teria feito e provavelmente colimado nesta questão, todo o progresso que merece nossa época.

Infelizmente, toda sua dedicacão, todo seu trabalho, toda a energia dispendida, esbarra de encontro a muralha das finanças.

O Estado está relativamente pobre e a Nação em crise economica tão grave, que ficamos na incerteza do resultado final.

Diante deste fátor, sobre cuja importancia, nada mais cabe dizer, amaina o esforço de todos, porque sem fundos, nada se póde realizar.

Eis a realidade da nossa situação, nem exagerada, nem encoberta. Mas ao lado deste triste quadro, outro, cor côres mais tetricas, mais lutozo, cheio de lagrimas, atingindo ao polieromismo horrivel de uma pagina dantesca, fére nossas vistas.

E' o contemplar uma infancia, que se debate em luta desigual contra fátores varios, que, a cada instante a ameaçam.

E' a visão diaria, de vidas que fulguram efemeramente durante alguns minutos, se extinguindo para sempre no meio do pranto de todos.

E' o panorama tristissimo, de uma infancia, alquebrada por fatores disgenesicos, herediatarios, congenitos, ou mesologicos.

E' a base de uma nação, roida pelos vermes da podridão, a revelarem o descazo dos que se deviam interessar pelo povo.

E', enfim, o expirar de uma raça, que aos poucos se vai sepultando no recanto mais belo do universo, onde o Creador não teve mãos a medir, para mostrar sua grandiosidade.

Sim, meus senhores, forçoso é confessa-lo, mas nossa infancia não tem merecido a devida atenção por parte dos governos.

Ela jáz abandonada, entregue ás suas fracas energias, fazendo frente a inimigos diver ssoque procuram por todos os meios dizima-la.

Enumeremos por ordem o que se não faz e o que se deve fazer.

Dirijamos nossos olhares para a classe media ou baixa da sociedade; é lá que vamos encontrar as bases do nosso progresso; é lá que acharemos o trabalhador que com sacrificios imensuraveis se debate angustiosamente na luta pela vida.

Ele, num dado momento da sua existencia, satisfazendo os aneios de todo mortal, resolve unir sua vida á de uma companheira.

Muitas vezes, logo no início, se desfazem as ilusões acalentadas durante tanto tempo.

A vida, lhes mostra a face demacrada da miseria e, diante de uma realidade inevitavel, começa o calvario dos sacrificios.

E a mulher, que ele escolheu, para mitigar seus sofrimentos vem pelo contrario aumenta-los, porque necessitando viver, consome, e consumindo gasta.

Mistér se torna fazer frente a esta brécha e então ela, não medindo consequencias se entrega ao trabalho, oferecendo sua saúde e mesmo sua vida m holocausto ao lar formado.

Mezes decorrem, e surgem espessos nevoeiros no horizonte.

São os primeiros sinais de uma vida que se aproxima, mas esta vida a desabrochar é tambem uma nova boca que cedo ou tarde reclamará subsistencia.

O cerco apérta, mas eles se defendem, entregando-se desesperadamente ao trabalho.

E quando nos ultimos mezes de uma gestação, muitas vezes cheia de peripecias, a mulher deveria se entregar ao repouso é quando mais trabalha.

Duas vidas se comprometem e quando conseguem vencer tudo, eis que surge o novo ser, carregado dos estimas a revelarem a falta de repouso da gestante, a sua hipoalimentação e tantas outras cousas mais.

Seguem-se depois mezes de cruel incerteza, os da lide do distrofico com a doença, que nele encontra terreno fértil para progredir.

Após anos de misérias e trabalhos, muitas vezes tudo se esborôa como o castelo de cartas, ruindo ao embate da brisa.

Passa a cena; pensamos que ela já está longe, se perdendo para sempre no passado, mas ei-la de novo atualizada.

Todos os dias a vemos; todos os dias o polimorfismo incessantemente variavel da vida a trás aos nossos olhos.

Não poderia mesmo ser de outra fôrma, porque ela é a visão real e diaria do nosso meio operario, da classe media e muitas vezes até da classe privilegiada, onde uma mulher modernizada, sob os impulsos de falsos preconceitos de uma ainda mais falsa estetica, tudo faz apara afogar no seu proprio seio o fruto das suas entranhas.

Diariamente somos testemunhas do que terminamos de relatar, mas ficamos impassiveis; nada fazemos, porque nossa afétividade foi curti-da pelo habito.

Como diziamos, logo nos primeiros dias ou nos primeiros mezes é vítima quasi que obrigatoria da doença e se uma tuberculose ou qual-quer outra infecção de certa gravidade, não lhe ceifar a vida, continua-rá sua peregrinação através do caminho, onde dominam as perturbações digestivas, consequencias logicas da falta de cultura, da interferencia de terceiros ignorantes, da escassês de meios economicos e consequente-mente da má alimentação.

Decorrem assim cheios de vicissitudes os primeiros mezes e os pri-meiros anos da criança. Atingiu a idade escolar.

Deveria ir ao colegio, essa grande oficina, onde se plasman homens; infelizmente a miseria crescente no lar, onde provavelmente outras bocas reclamam pão, joga no mar proceloso da vida, um sêr, sem meios para enfrenta-la. Continúa a luta desigual.

E a criança, vegetando num meio onde impera o vicio, onde cam-peia a amoralidade, onde emfim tudo lhe é adverso, se deixa arrastar pela torrente.

Raia a aurora de um homem, mas com ela surge tambem o viciado, o invalido psiquico ou fisico que não tardará a ser o pensionista forçado da casa de correcção, do hospital, do asilo ou do manicomio.

Mas, não cheguemos até este extremo.

Detenhamo-nos a examinar mais detidamente a marcha dos aconte-cimentos quando por ventura, as nossas crianças chegam a escola.

Olhemos para uma aula primaria e logo nos chamará a atenção a heterogeneidade da mesma.

Numa promiscuidade psico- fisiologica, aberrando contra toda a pe-dagogia hodierna, deparamos com os mais variados tipos de crianças que se possa imaginar.

Ao lado do tipo normal, do hígido morfo-fisio-psiquico-pedagogico, encontramos os tipos infra e super normais.

Ao lado da criança sadia, se senta a tuberculosa, ao lado da carre-gada pelos estigmas da lues está aquele que traduz nos seus traços fisio-nomicos o selo indelevel do alcoolismo.

Em face do eutrofico, que vende saúde, está o hipotrofico a exigir num brado que condôe, os necessarios alimentos para manter uma vida que baqueia.

Contrastando com um retardado pedagogico, está o super-normal, assombrando seus companheiros.

Em face de um anormal escolar, vemos o tipo perfeito, de pleno acordo com todos os requisitos da psico-pedagogia moderna.

Prosseguir com a enumeração dos nossos defeitos, seria trilhar a estrada que todos os senhores conhecem, tão bem quanto nós, posto que nenhum dos que aqui se encontram, terá deixado de observar o que foi relatado.

Tocar na questão da hygiene escolar, nas condições dos edificios onde funcionam nossas escolas, e, mesmo, abordar o estudo da higidez de muitas das nossas educadoras, seria ir demasiado longe.

Contentemo-nos com o que fica dito.

Como remediar esta tristissima situação, que é infelizmente a nossa?

Quais as medidas urgentes a serem tomadas por parte dos poderes competentes?

Primeiramente proteger amplamente a classe operaria, dando-lhe o necessario conforto, com medidas higienicas; regulamentando horas de trabalho; diminuindo o numero das mesmas, quando este, pelas condições em que se realiza, possa prejudicar o operario.

Ser-nos-á objetado que o Ministerio do Trabalho já regulamentou tudo isto; mas atrevemo-nos a perguntar, se a lei é cumprida?

Em qualquer um dos nossos centros fabris, os operarios trabalham hoje oito horas, mas comparemos o trabalho feito por cada um, e avaliando das energias gastas na mesma unidade de tempo, chegaremos á conclusão de um ter dispendido o equivalente a 12 horas de trabalho enquanto que outro só gastou o correspondente a quatro horas. E no entanto, ambos estiveram na fabrica as 8 horas regulamentares.

Si nos fosse permitido fazer o exame medico de todas as mulheres que trabalham em nossas fabricas, qual seria o numero das gravidas nos ultimos mezes, que encontraríamos?

Provavelmente de 15 a 20%, senão mais, e no entanto existe uma lei impedindo o trabalho á mulher, nestas condições.

Crianças são empregadas em serviços superiores ás suas proprias forças.

Pelas ruas das nossas cidades, pululam aos montes, garotos esfarapados que, nada mais fazem a não ser o aprendizado do caminho do mal.

Tem-se a impressão de estarmos vivendo em um meio onde tudo é feito contra a lei, ou mal feito.

Um observador que nos contemplasse do alto, diria: ou aquela gente tem olhos e não encherça ou então ainda não vive ao par do progresso dos outros povos.

Já que a Sociedade de Medicina vem de se interessar pelo assunto, já que cabe a nós, medicos, pela profissão que escolhemos, amparar aos necessitados e fazer ver áqueles que nos dirigem as falhas de uma administração, nas questões que nos dizem respeito, atrevemos-nos a solicitar a consideração da casa para a proposta que vamos fazer e caso a mesma fôr aceita, envidar todos os esforços para sua efetivação.

1.º — Solicitar a quem de direito o cumprimento de todas as leis

que se referem á mais ampla protecção do operario e da mulher que trabalha;

2.^o — Decretar as leis necessarias e complementares ás precedentes, caso tal se tornar preciso;

3.^o — Solicitar aos poderes competentes a creação de um Instituto de protecção á Infancia, gozando da necessaria autonomia para poder desempenhar eficientemente a missão que lhe será confiada;

4.^o — Solicitar aos poderes competentes a creação de um Instituto medico escolar, afim de proceder á selecção previa das nossas crianças, em idade escolar, de acordo com os ultimos quesitos da psico-pedagogia moderna;

5.^o — Procurar por todos os meios possiveis aumentar o numero de escolas primarias em nosso estado, afim de tornar mais eficiente a diffusão do ensino.

Após a enumeração de tal proposta, provavelmente, tereis feito de nós um mau juizo, porque estamos a pedir um impossivel.

Ser-nos-á replicado que, o pedido, que aliás constitue o ideal de um povo civilizado, é um ideal irrealizavel no nosso meio.

Entretanto afirmamos categoricamente que ele é viavel e que sua efétivação é cousa facil no momento atual.

Meus senhores, eis nossa ultima sugestão: o Governo do Estado está empenhado em festejar dignamente o Centenario Farroupilha, mas para tal, mistér se tornará dispendier apreciavel quantia.

Porque não aproveitar parte da mesma na satisfação das nossas prementes necessidades, dotando-nos do que mais precisamos?

Por que dispendier dinheiro em festas, fogos de artifício e outras tantas banalidades mais, que só nos impressionam no momento instantaneo do presente?

Mais logico, mais racional, mais humano será reunir tudo o que se vai gastar e emprega-lo para fins de tão alta relevancia como os que apontamos.

Proceder assim, será obra digna de ser louvada por todos e acho que nenhum gaúcho a tal se oporá.

Proceder do modo que apontamos, é colocar nosso Estado á par do progresso, é melhorar todas as condições sociais, é aproveitar melhor o dinamismo do nosso povo, é, emfim, realizar o sonho de todos os que almejam a grandeza da nossa terra.

Quem tal pratique, só poderá merecer como recompensa a gratidão do nosso torrão, pois será seu maior bemfeitor.

Assim, festejaríamos uma data historica, com um acontecimento sem precedentes na historia e uma vez mais, mostrando a nobreza do nosso gesto, a pujança dos nossos filhos, a grandiosidade dos resultados, nos orgulharíamos de nós mesmos, pois nossa ação seria sempre louvada e nunca, em hipotese alguma criticada.

Salvador González.